

**FMI** ■ O problema no crédito já seria perceptível em outros segmentos

# Economista vê perigo de contágio da crise na economia brasileira

Rivadavia Severo

■ BRASÍLIA. O representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional (FMI), Paulo Nogueira Batista Junior, acredita que a turbulência mundial é o início de mais uma crise externa que não será passageira. Para o economista, já é perceptível o contágio da crise das hipotecas americanas em outros segmentos do mercado financeiro. Ele não descarta o risco de a economia brasileira ser afetada. O país, observou, enfrenta essa situação de incertezas com fundamentos econômicos mais consistentes, como reservas cambiais em alta e superávit na conta corrente do balanço de pagamentos. Mas alertou que o Brasil deve continuar fortalecendo seu balanço de pagamentos, as reservas cambiais e não deixar o real valorizar-se muito, para resistir à crise financeira.

O economista disse que, daqui para a frente, o clima de instabilidade será mais frequente, com

períodos de maior volatilidade.

— Tenho a impressão de que vamos viver de susto em susto. Levamos um susto em fevereiro e outro agora — disse o economista, referindo-se à queda das Bolsas por causa da turbulência na China. Segundo ele, os bancos não estão sabendo dimensionar os riscos em cadeia do mercado financeiro.

O novo presidente do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), Marcio Pochmann, que tomou posse na terça-feira, disse que o país não tem a vulnerabilidade que tinha há cinco anos, mas advertiu que, se a crise internacional aumentar, todos vão sentir os efeitos, inclusive o Brasil.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva discorda. Ontem, ele disse que as reservas internacionais do país são um motivo para “ficar tranquilo”, ao descartar que as turbulências provocadas pela crise das hipotecas do mercado imobiliário americano terminem por contagiar a economia brasileira.

ENCA